

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

JUCILÉIA BASSI

**INFÂNCIA E MEMÓRIA NA POESIA MADURA
DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Pontes e Lacerda – MT
2007

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

JUCILÉIA BASSI

**INFÂNCIA E MEMÓRIA NA POESIA MADURA
DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Literatura.
Orientadora: Prof^ª. Ms. Maria Inês Parolin

Pontes e Lacerda
2007

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Nota: _____

Data: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Maria Inês Parolin (Orientadora)

Prof^a. Ms. Maria da Penha Fornanciari Antunes (Membro)

Prof^a. Walmira Sodré Austríaco Moraes (Membro)

Dedico
a minha família pelo apoio
para que eu pudesse chegar ao final
de mais uma etapa difícil em minha vida.

Agradeço
à minha orientadora
Maria Inês Parolin
pela sua paciência e esforço
durante a realização deste trabalho.

“Reativar as imagens passadas é re-sentir antigas percepções,
é um gesto voluntário que leva o poeta ao conhecimento de sua própria essência.”
(AFONSO ROMANO DE SANTANA)

RESUMO

Com o objetivo de mostrar como a criança aparece figurada nas poesias de Drummond e qual é atitude lírica do autor reconhecemos que a infância é uma fase de medos, angústias, inseguranças e humor. Constatando deste modo que a infância está relacionada a um adulto que é o próprio autor, não deixando de ressaltar a importância do eu lírico e da memória para que a arte poética pudesse ser concretizada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. INFÂNCIA E MEMÓRIA NA POESIA MADURA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.....	12
1.1 “O Cavaleiro”	12
1.2 “Boitempo”	13
1.3 “Intimação”	14
1.4 “(In) Memória”	14
1.5 “Cuidado”	14
1.6 “Bota”	15
1.7 “Biblioteca Verde”	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

INTRODUÇÃO

De Certeau em “A Beleza do Morto” (1995, p.55-82) declara que a cultura popular precisou ser censurada para ser estudada, tornando-se um objeto de interesse (Na França do século XVIII).

Os primeiros estudos feitos por Nisard em 1854 sobre a cultura popular observaram nos livros de *Colportage*, que era uma literatura de livreiros ambulantes destinada ao povo, que estes precisavam ser eliminados por serem julgados como “subversivos” e “imorais”. Estes livros só podiam transmitir o que o governo autorizasse, principalmente quando os assuntos eram ligados à criança, pois o governo tinha interesse em ocultar o que a sociedade gostaria de mostrar. Deste modo a literatura ficava presa a um gênero menor.

As histórias então centravam-se no camponês francês pela sua proximidade com a natureza e a moral cristã para que os seres humanos pudessem tornar-se sujeitos fiéis, dóceis e laboriosos, apresentando-se também como ingênuos.

Depois de um certo tempo, os livros de *Colportage* foram espionados para poder ser controlados, verificando se estes eram contrários à ordem, à moral e à religião. Formou-se então uma comissão para avaliá-los, criando assim uma imagem do povo de que eram como crianças puras, que deviam ser resguardadas e preservadas de leituras consideradas perniciosas.

Mais tarde, a literatura começa a caminhar por ondas folcloristas que têm por objetivo promover uma integração racionalizada definindo a cultura popular como um patrimônio, a partir das intenções de localizar, prender e proteger.

Nas revistas folcloristas tudo o que é dito “popular” associa-se ao natural, ao verdadeiro, ao ingênuo, ao espontâneo e à infância, não deixando também de caminhar para o sentido político. Neste momento o povo ainda é como uma criança, mas não como uma criança ameaçadora, mas como uma porcelana japonesa, que deve ser despertada ou revelada.

Os estudos ainda mostram que a literatura de elite contaminou-se da cultura popular e era escrita por letrados, os quais chegaram a escrever os contos de Perrault. Esta literatura que é escrita em fins do século XVIII falava de filosofias como o bem viver, a ciência, a pesquisa, o gosto pela verdade, o desejo de felicidade e o esforço em direção à virtude, despertando no povo um gosto pelo saber ou por ser instruído.

Com estes estudos busca-se a origem da cultura popular, suas condições de possibilidade de acordo com a superfície dos textos para caminhar no sentido de eliminar uma ameaça popular. Neste sentido o termo “popular” é definido como algo que reflete uma situação histórica, procura-se reencontrar na história os temas que envolvem o social.

Os historiadores observaram que os livros e os almanaques deixavam transparecer a idéia de uma sociedade construída através do silêncio e da exclusão do outro e seus temas também eram muito ligados à religiosidade, onde Deus era dos pobres.

Outros assuntos como a criança, a sexualidade e a violência são apagados nas histórias no período em que a literatura começou a transmitir uma visão burguesa. Assim, quando os temas falam da criança, apenas refletem tudo o que se pensa sobre o povo. A criança figurada nos textos aparece silenciada e o seu papel de personagem apagado.

Focalizando a criança, aparece o problema desta, que na modernidade é privada da convivência com seus pais ou com seus ancestrais e a literatura infantil tem como função educá-la, proporcionando uma substituição da presença paterna. Destacam-se aqui as obras de Perrault.

Há a presença de poucas crianças na literatura resgatada por Nisard, De Certeau, nesta os adultos são projetados como uma figura infantil, por isso as imagens que aparecem de si mesmos são atribuídas ao seu imaginário. Deste modo a criança, quando aparece nas histórias, possui saberes e virtudes de um adulto. São miniaturas de adultos, como o feiticeiro-mirim; o príncipe-mirim, etc.

Notamos então que tudo o que se projeta da criança tem uma ligação com a cultura adulta, a criança começa a fazer parte de um mundo civilizado e com uma visão burguesa de atendimento e desejo do adulto sobre si.

Quando os assuntos da literatura ligam-se à sexualidade, procura-se proteger as crianças das fotografias impuras, por isso a sexualidade é um assunto que sempre ficava em silêncio nas obras e uma das obras que aborda este assunto é “A bela adormecida no bosque”.

Além da sexualidade, a violência na literatura popular do século XVII possuía um álibi e funcionava por uma alienação do povo que a mesma acabava representando e com a violência da política estes assuntos são eliminados da cultura popular em obras como “O

burlesco dos Perrault” (1653) e “O interesse dos correspondentes de Gregoire pelos patoás” (1790-1792). Constatamos que ao se apagar algo da literatura sempre haverá alguma coisa para se dizer, mesmo que seja de sua ausência ou até mesmo de sua carência, levando a interrogações e resgatando o que está desaparecido.

Depois de um tempo a literatura infantil começa a ganhar liberdade e a conquistar o seu espaço como uma parte importante da cultura.

Dentre os autores mais importantes de toda a literatura encontramos Drummond com uma de suas obras líricas denominada como “Boitempo I e II”, a qual se apresenta como uma obra que mescla autobiografia com o cunho poético e ficcional.

Segundo A. Candido (1968), misturando poesia com ficção, Drummond busca as verdades do mundo do eu e percebe o eu como condição do mundo. Em seu texto “Poesia e ficção na autobiografia” (1989, p. 51-69), ao tecer comentários sobre o texto de Merquior que fala de Drummond, Cândido nos diz que as obras do autor possui uma elevação de tons, temas e vocabulários devido ao seu estilo “mesclado” ou “impuro”.

Em “Boitempo” há uma transcendência do fato particular, na qual o narrador poético afasta-se do seu eu presente para focalizar a sua vida passada, a família, a cidade e a cultura, sentindo que todos os objetos estão fora dele e voltando ao seu passado como um adulto, não procurando fazer uma expressão de si mesmo.

Notamos então que “Boitempo” diferencia-se da literatura tradicional, pois nesta, como já vimos, fala-se de filosofias como o bem viver, a ciência, a pesquisa, o gosto pela verdade e entre outros, e as imagens que aparecem de si mesmo são apenas imaginários, podendo a criança apresentar-se com saberes e virtudes de um adulto.

Neste mesmo texto, Antonio Cândido esclarece que Drummond, com sua experiência pessoal acaba se confundindo com a observação do mundo e as suas obras tornam-se heterobiografias, pois escreve histórias que envolvem os outros e a sociedade. Desta forma suas obras retratam o estado de Minas no início do século.

Nestas obras memorialísticas Drummond enxerga o sujeito como criação e com este olhar cria um menino para ver-se e mostrar-se para os outros, porque ele é um Andrade, e para explicar o seu jeito, a sua cidade e os acontecimentos que presenciou durante a sua infância.

Existe em “Boitempo” uma estilização literária para narrar o eu no mundo, que é particularizadora, por destacar o indivíduo e seus casos, e generalizadora, pois descreve lugar e biografia de grupo.

Nesta obra tudo o que está relacionado a fatos, sentimentos, impressões e ambientes pesa quando se refere à impureza encontrada nesta em relação às anteriores, apresentando um modo narrativo mais particular.

Após estas considerações apresentamos a poesia “O Cavaleiro”, “Boitempo”, “Cuidado”, “Bota”, “Biblioteca Verde”, “Intimação”, “(In) Memória” - da obra “Boitempo I” e, em seguida, a interpretação realizada através deste trabalho monográfico com o objetivo de mostrar como a criança é apresentada com o auxílio do sentido das palavras e os recursos utilizados, destacando o lugar da criança na poesia tardia deste autor, escrita na década de 40, fazendo um diálogo entre os autores estudados.

Em nossa interpretação percebemos que a infância de Drummond está muito presente em suas poesias, pois ele volta ao seu passado e presentifica-o no presente com a ajuda da memória e para comentar sobre este assunto em suas poesias buscamos falar sobre as imagens que são criadas pelo eu lírico destacando que em cada poesia esta imagem apresenta-se de modo diferente e com sentidos diferentes.

Também procuramos mostrar os sentimentos do eu lírico diante do que viveu e dentro destes sentimentos a presença da fantasia com os personagens surrealistas, notando qual é a sua reação e assim trabalhamos com a presença dos objetos, com a repetição das palavras, com a união de sujeito e objeto, com o sentido dos enunciados encontrados, com a marca de presente e de passado e com a presença do humor.

Além destes aspectos trabalhamos também com os cinco conceitos de Bosi que são: simultaneidade, movimento, recorrência, serialidade e analogia, e para que este trabalho fosse realizado fizemos comparações entre os poemas e utilizamos teorias como as de Aguinaldo Gonçalves, Antonio Cândido, Salete de Almeida Cara, José Guilherme Merquior, Maria Eugênia Dias de Oliveira, Afonso Romano de Santana, Alfredo Bosi, como outras que já foram citadas.

1. INFÂNCIA E MEMÓRIA NA POESIA MADURA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

1.1 O CAVALEIRO

À meia-noite, como de costume,
passa o Cavaleiro
todo de ferro e horror. Passa ou não passa?
Duvido. (E tenho medo.)
Hoje não durmo. Hei de escutar
o som das ferraduras na gelada
Rua Municipal,
o estalar do chicote na garupa
do cavalo-fantasma.
Escuto, protegido
em cobertor de casa-fortaleza
de família importante. Passa, passa,
anda, passa, Cavaleiro, estás com medo
do medo meu, quem sabe, da garrucha
do Coronel?
O Cavaleiro anda atrasado.
Vai esperar o sono me vencer
para aparecer dentro do sono?
Chego à janela. A branca
escuridão (o frio é branco)
não filtra nem um grilo de ruído.

Massa de cidade e serra: breu silente.
Boca seca, trêmulo,
Não vejo o Cavaleiro, estou ouvindo
em mim o Cavaleiro, em mim é que ele passa,
sempre passou e passa sempre e não acaba
de passar. É isso. Vou dormir.
Dou descanso ao cavalo e ao Cavaleiro.

1.2 BOITEMPO

Entardece na roça
de modo diferente.
A sombra vem nos cascos,
no mugido da vaca
separada da cria.
O gado é que anoitece
e na luz que a vidraça
da casa fazendeira
derrama no curral
surge multiplicada
sua estátua de sal,
escultura da noite.
Os chifres delimitam
o sono privativo
de cada rês e tecem
de curva em curva a ilha
do sono universal.
No gado é que dormimos
e nele que acordamos.
Amanhece na roça
de modo diferente.
A luz chega no leite,
morno esguicho das tetas,
e o dia é um pasto azul

que o gado reconquista.

1.3 INTIMAÇÃO

- Você deve calar urgentemente
as lembranças bobocas de menino.
- Impossível. Eu conto meu presente
com volúpia voltei a ser menino.

1.4 (IN) MEMÓRIA

De cacos, de buracos
de hiatos e de vácuos
de elipses, psius
faz-se, desfaz-se, faz-se
uma incorpórea face,
resumo de existido.

Apura-se o retrato
na mesma transparência:
eliminando cara
situação e trânsito
subitamente vara
o bloqueio da terra.

E chega aquele ponto
onde é tudo moído
no almofariz de ouro:
uma europa, um museu,
o projeto amar,
o conclusivo silêncio.

1.5 CUIDADO

A porta cerrada
não abras
Pode ser que encontres
o que não buscavas
nem esperavas.

Na escuridão
pode ser que esbarres
no casal em pé
tentando se amar
apressadamente.

Pode ser que a vela
que trazes na mão
te revele, tremula,
tua escrava nova,
teu dono - marido.

Descuidosa, a porta
apenas cerrada
pode te contar
conto que não queres saber

1.6 BOTA

A Bota enorme
Rendilhada de lama, esterco e carrapicho
regressa do dia penoso no curral,
no pasto, no capoeirão.

A bota agiganta
seu portador cansado mas olímpico.
Privilégio de filho é ser chamado a fazer força
para descasá-la, e a força é tanta

que caio de costas com a bota nas mãos
e rio, rio de me ver enlameado.

1.7 BIBLIOTECA VERDE

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.
São só 24 volumes encadernados
em percalina verde.
Meu filho, é livro demais para uma criança.
Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.
Quando crescer eu compro. Agora não.
Papai me compra agora. É em percalina verde,
só 24 volumes. Compra, compra, compra.
Fica quieto, menino, eu vou comprar.

Rio de Janeiro? Aqui é o coronel.
Me mande urgente sua Biblioteca
bem acondicionada, não quero defeito.
Se vier com arranhão recuso, já sabe:
quero devolução de meu dinheiro.
Está bem, coronel, ordens são ordens.
Segue a Biblioteca pelo trem de ferro,
fino caixote de alumínio e pinho.
Termina o ramal, o burro de carga
vai levando tamanho universo.

Chega cheirando a papel novo, mata
de pinheiros toda verde. Sou
o mais rico menino destas redondezas.
(orgulho, não; inveja de mim mesmo.)
Ninguém mais aqui possui a coleção
das Obras Célebres. Tenho de ler tudo.
Antes de ler, que bom passar a mão
no som da percalina, esse cristal

de fluida transparência: verde, verde.
Amanhã começo a ler. Agora não.

Agora quero ver figuras. Todas.
Templo de Tebas. Osíris, Medusa,
Apolo nu, Vênus nua... Nossa
Senhora, tem disso nos livros?
Depressa, as letras. Careço ler tudo.
A mãe se queixa: Não dorme esse menino.
O irmão reclama: Apaga a luz, cretino!
Espermacete cai na cama, queima
a perna, o sono. Olha que eu tomo e rasgo
essa Biblioteca antes que pegue fogo
na casa. Vai dormir, menino, antes que eu perca
a paciência e te dê uma sova. Dorme,
filhinho meu, tão doido, tão fraquinho.

Mas leio, leio. Em filosofias
tropeço e caio, cavalgo de novo
meu verde livro, em cavalarias
me perco, medievo; em contos, poemas
me vejo viver. Como te devoro,
verde pastagem. Ou antes carruagem
de fugir de mim e me trazer de volta
à casa a qualquer hora num fechar
de páginas?

Tudo que sei é ela que me ensina.
O que saberei, o que não saberei
nunca,
está na Biblioteca em verde murmúrio
de flauta-percalina eternamente.

Notamos que no 1º e 2º versos do poema “O Cavaleiro”, o eu lírico, sendo uma criança, apresenta o cavaleiro que passa sempre no final da noite como um homem forte e assustador. Como percebemos em: “À meia-noite, como de costume,/ passa o Cavaleiro/ todo de ferro e horror.” A criança começa a criar a imagem de alguém que possa fazer-lhe algum mal, e assim o eu lírico recorda histórias infantis que traduzem a moral de que à meia-noite tudo pode acontecer e é um horário que merece muita atenção e o poeta faz isto através da memória. É esta que o ajuda a lembrar de tudo o que viveu quando criança. Então o eu lírico é adulto, se fazendo criança pela presentificação da memória.

Merquior (1969), em “Notas em função de Boitempo I”, comenta sobre os poemas da obra “Boitempo I” de Drummond, nos quais percebemos a presença da narrativa ligada a uma fala poética “mesclada”, que marca uma diferença em relação a outras obras do autor, que se destacam pelo seu valor filosófico. Neste momento Drummond torna presente em seus poemas seu tom reflexivo e analítico como em “Ausência” ou “Brasão” e o tom deste livro tem como característica uma feição objetivo-narrativa que é liberta de indagações mais densas, contendo cenas curtas, marcada também por contos metrificadas de forma anedótica, como por exemplo o poema “Criação” composto de eneassílabos e refrão, eclesiástico e redondilhas do poema “O ator”.

Drummond representa uma transformação muito grande do lirismo moderno, reconhecido pela crítica pelo uso em seus versos de uma complexidade psicológica como também de uma rara densidade de pensamento, inaugurando desta forma um novo segmento evolutivo e ampliando a visão poética que é prometida pelo modernismo.

Através do modernismo Drummond transforma o “estilo impuro”, ou seja, a mistura de tons velhos com novos e começa a direcionar as suas obras para um tom ligado ao coloquial, deixando de utilizar um tom mais elevado, criticando o discurso de 22 e propondo um reflexão com outros autores como: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros.

Com o desenvolvimento do humor as obras mescladas são esquecidas, por isso obras como “José” e “A rosa do povo” (1945) apenas apresentam a diversidade de tons líricos existentes antes do aparecimento do humor modernista.

Em obras como a peça “O mito” também deixam de ser importantes pelo fato de possuírem um tom mais “elevado” dentro da poesia amorosa e a poesia social que é elaborada desde “Sentimento do mundo” caminha em direção a uma consciência-do-vulgar, uma das exigências da mescla “baudelaireana”. Sobre isto ainda temos a poesia sobre poesia apresentada na obra “O lutador”, nesta a linguagem é despida de alusões “baixas” e não possui um traço cômico ou grotesco.

Após as obras “Novos poemas” (1948) a poesia de Drummond situa-se em uma nova dicção, ela não apresenta problemas do dia a dia ligados ao humor, só em alguns poemas como “A mesa” aparecem tons “mesclados”. Esta nova dicção destaca-se em “Claro enigma”, “Fazendeiro do ar” e “A vida passada a limpo”. Em “Lição de coisas” (1962) os elementos presentes no discurso clássico voltam à tona e neste momento o “estilo impuro” começa a ganhar forma em uma poesia narrativa ou narrativante como em peças de títulos “O padre”, “A moça” ou “Os dois vigários”.

Estes poemas se destacam por uma vertente cômico-narrativa centrada no ambiente mineiro, por isso toda emoção aguda não é apresentada diferente dos poemas “mesclados”, onde a emoção era desviada ou mascarada e com o auxílio da memória os seus poemas passam a caminhar por histórias que retratam a sua família, a cidade onde nasceu e outros temas relacionados ao seu passado, assim suas obras não são dramáticas devido então a utilização do humor em obras como “No país dos Andrades” (A rosa do povo), “Viagem na família”.

Dizemos então que Merquior nos deixa clara a presença nestes poemas de um tom reflexivo de forma risonha e essas obras que destacam o cenário itabirano possuem uma linguagem objetiva. Podemos notar o tom reflexivo na obra de CDA apresentada na “Gauche na vida” e em temas como nexos dialéticos tempo/consciência apresentados em “O relógio”, o erotismo despontante em “O banho”, devaneio não-me-amolista em “Litania da horta” e senso da precariedade da comunhão social em “Estrada”.

Neste momento a poesia de Drummond que desde as suas formas inaugurais refletiam o rir de si, a auto-ironia começa a atingir uma fase mais brincalhona, contendo os mesmos sentidos de antes, mas agora torna-se mais solto e gaio para não causar espanto nos leitores. Deste modo Drummond expõe os seus problemas, utilizando brincadeiras em sua poesia e isto prevalece em “Boitempo” nas obras: “Queda” (de cavalo manso), comentário irônico da dama do Eurico de Herculano, “Primeira eleição”, “Indústria”, “Dama seco”, “Recinto Defeso” e “Casa”, cada uma com sua característica.

Em “Boitempo”, Drummond, para trazer o sentido do passado às suas poesias, deixa de falar sobre outros assuntos e fala sobre o ambiente em que viveu, os assuntos trabalhados interessam somente a ele e não aos outros e estes assuntos que estão ligados às suas raízes mineiras não transmitem uma imagem ruim do lugar onde o poeta conviveu boa parte de sua vida.

Compreendemos assim que a dicção da obra “Boitempo” é determinada pelo cômico, distanciando-se do processo de ruptura com o tom “clássico”, o qual foi esboçado em “Lição

de Coisas” e afasta-se da mescla “baudelaireana” (Auerbach) e do estilo “impuro” marcante entre “A rosa do povo” e “Lição de coisas”, proporcionando um impedimento da volta dos problemas e da realidade cotidiana, renunciando desta forma o ângulo trágico-problemático que é uma das vítimas do olhar cômico.

Drummond por utilizar uma forma risonha aos motivos reflexivos em “Boitempo” transforma o estilo de suas poesias em um ânimo mais sereno, trazendo para a sua obra um novo tom lírico.

Por essa razão, como já comentamos, a memória é importante para que Drummond volte ao seu passado e presencie os momentos de sua infância. Merquior defende a utilização do passado presentificado pelo autor através da memória, dizendo “a memória se desprende da stasis lírica para cabriolar no curso das estórias e estorinhas, por vários perfis joco-sérios da objetividade provinciana.” (MERQUIOR, 1996, p.65).

Com este pensamento Merquior (1969) e Antônio Cândido (1968, p.109) marcam uma diferença, quando o primeiro destaca a memória como o caminho mais importante para Drummond lembrar-se de sua infância e o segundo destaca o sonho como o mais importante dos caminhos para que a lembrança possa acontecer, é com ele que o poeta manifesta as suas inquietudes buscando o seu passado com as lembranças de sua família e de sua cidade natal.

Através deste fato o eu lírico, que toma da voz da criança, cria uma imagem de um objeto que ela conhece, mas esta imagem se apresenta como algo ruim. Neste momento Drummond transfere para o cavalo a imagem de algo apavorante, trazendo para a sua lembrança o animal de que gostava muito, devido ao fato de já ter vivido em um ambiente rural conforme nos diz o poema “Boitempo”, retrata o dia e a noite na fazenda. Como notamos nos versos 1º e 2º: “Entardece na roça / de modo diferente” e nos versos 20º e 21º: “Amanhece na roça / de modo diferente.”

Bosi, (1999, p. 13-36) em “Imagem, Discurso” ao discutir o valor da imagem nos diz que ela supre a presença de um objeto e esta imagem pode ser revivida a qualquer momento, ou pela lembrança ou pelo sonho.

Ainda nos diz que a imagem pode provocar fascinação ou perseguição, levando até mesmo a um mal-estar e, é na infância que começamos a construir as nossas primeiras imagens. Deste modo, a imagem que temos de um objeto atualmente é reflexo do que constituímos no passado, assim o presente sempre a mantém viva. É no inconsciente que todas as imagens se produzem com o auxílio da fantasia.

Continuando a destacar o valor da imagem, Bosi (1999, p. 14) e Cara (1985, p 40) falam sobre o poeta que ao escrever passa para o papel apenas fatos, apenas um pouco do

mundo exterior, só as imagens que causam-lhe pavor ou não, pois estas refletem em sua vida e auxiliam em sua expressão na poesia.

No plano formal Bosi nos apresenta também a importância da estrutura dos poemas, da sua linguagem na produção de sentidos e enquanto reprodutora de imagens.

Consideramos que a criança então guarda em seu inconsciente imagens que causam-lhe pavor e Drummond com sua poesia retrata isto através da personificação de sua infância. Como podemos ver em: “A imagem assume fisionomias várias ao cumprir o seu destino de exhibir-mascarar o objeto do prazer ou da aversão.” (BOSI, 1999, p.19).

Outra imagem criada por Drummond está no poema “Boitempo” e é uma imagem que representa o gado com o uma “estátua de sal”, por ser este a presença mais viva, que mais se destaca em toda a noite da vida rural. Podemos notar isto nos versos 10º até o 12º: “... surge multiplicada / sua estátua de sal, / escultura da noite.”

Esta imagem não transmite significado de algo apavorante apenas faz com que a criança personificada pela memória possa voltar a reviver os momentos mais felizes e mais importantes como se estivesse vivendo todos estes momentos novamente, como se eles fossem únicos.

A imagem também aparece em “(In) Memória” quando na última estrofe tudo o que se viveu na infância torna-se uma imagem que fica guardada em um “museu” em silêncio, apenas como forma de lembrança. Como percebemos dos versos 16º até o 18º: “... uma europa, um museu, / o projetado amar, / o conclusivo silêncio.”

Gonçalves (2004, p.121-152) em “Museu Movente”, desenvolve reflexões sobre a obra “Em busca do tempo perdido”, de Marcel Proust falando da sua experiência com a poesia, discutindo fundamentos da lírica e relacionando-os com a memória.

Para Gonçalves, (2004) a poesia lírica é apresentada como um meio importante para a realização das imagens que se concentram nas experiências vividas e saem de uma linearidade do tempo cronológico, mantendo-se em uma esfera extra temporal, onde os movimentos interiores do homem começam a emergir conforme uma intensidade singular. Assim como o externo é visto como essencial para que as sensações sejam desenvolvidas como pontos fundamentais de vivências, muito mais do que as próprias lembranças, pois, os objetos evocam lembranças, como em Drummond.

Percebemos então que Gonçalves (2004, p.123) pensa diferente de Cara (1985, p.40), pois para Gonçalves o externo é o motivador da lembrança e em Cara o “externo” tem pouca importância na poesia, procura-se poucas coisas do “externo” que refletem em sua vida para se expressar.

Em Gonçalves a arte também é importante por ter o objetivo de incorporar algo externo às experiências do seu leitor e a lírica consegue realizar este processo.

Percebe-se da interpretação da obra de Proust que o ir e vir das evocações da memória são consideradas como uma fonte de reconstituição de si mesmo.

E no aspecto da linguagem o poema de Proust tenciona três dimensões de tempo que são o presente, o passado e o futuro, os quais fazem o poema convergir para o presente extra temporal.

Neste instante Gonçalves (2004, p.127) marca uma diferença com Oliveira (1986, p.151), porque Gonçalves encontra nas poesias de Proust um caminho para o presente extra temporal e Oliveira encontra nas poesias de Drummond um caminho para o futuro.

Gonçalves também nos diz que as imagens em Proust aparecem como doidas e expressam a condição do sujeito, ocorrendo uma penetração no interior deste sujeito.

O autor nos fala que a memória sensível é a responsável pelas imagens expressadas pela lírica, assim as imagens da poesia estão relacionadas ao pensamento e os conceitos presentes nestas conseguem com a imagem se constituírem em um sentimento único.

Nesta obra o devir aparece como um elemento importante, pois este é inferior ao ser, sendo considerado por Bérqson como eterno e imutável e apresentado também por este como criação e a memória torna-se importante como uma forma de manifestação de sentido no espaço da linguagem do poema lírico. Neste momento Gonçalves (2004, p.137-138) diferencia-se de Merquior (1969, p.65) e Cândido (1968, p.109), pois estes não consideram a memória uma forma de manifestação de sentidos, um considera como lembrança e o outro como sonho.

A partir disto dizemos que para Gonçalves (2004, p. 142) é com o devir que estas imagens são criadas, pois de acordo com Bérqson o devir é inferior ao ser, este é considerado eterno e imutável e o devir é apresentado como uma criação.

Continuando em nossa interpretação observamos que no poema “O Cavaleiro” assim como nos outros poemas, encontramos os cinco conceitos trabalhados por Bosi em seu texto “Imagem, discurso” (1999, p.25-31) que envolvem a lírica, os quais estão presentes na linguagem das poesias, sendo eles: a simultaneidade, o movimento, a recorrência, a serialidade e a analogia.

Percebemos que na poesia “O Cavaleiro”, quando Drummond atribui qualidades para o Cavaleiro, dizendo que este é de ferro e horrível, como a seguir: “... passa o Cavaleiro todo de ferro e horror.” Fazendo assim Drummond expõe o seu ponto de vista em relação ao Cavaleiro que passa, relacionando o homem a cavalo como algo ruim. Neste instante

notamos a presença do conceito de serialidade. Este conceito corresponde à organização da expressão verbal das poesias e um dos fatores mais importantes para que o discurso possa se desenvolver e acontecer, deve haver o que chamamos de predicação: é preciso relacionar uma coisa com a outra e atribuir sentido as mesmas, inserindo nestas um ponto de vista.

Esta visão está presente em outra poesia, intitulada como *Boitempo* quando o gado recebe um novo significado e Drummond chama-o de “escultura da noite”.

Acontece serialidade em outro poema chamado “Bota”, onde a bota recebe uma qualidade por estar cheio de lama, esterco e carrapicho, pois ela parece ser maior do que o tamanho que apresenta, por isso é chamada de “Bota enorme”.

Nos primeiros versos do poema “O Cavaleiro” quando Drummond relata a passagem do Cavaleiro e no momento em que este se esconde debaixo de um cobertor encontramos outro conceito de Bosi que é o de simultaneidade, onde a poesia segue uma linha mais fantástica, pois se esta atinge o caminho da lógica perde as suas substâncias dentro do processo mitopoético, proporcionando que a infância seja personificada nas poesias de Drummond. Da mesma forma que neste poema, a personificação da infância acontece em outro poema intitulado “Intimação”, o mesmo fato ocorre, pois neste Drummond revela-se menino, volta a ser criança.

Em “Boitempo” a infância torna-se mais presente na poesia com o mugido da vaca, uma lembrança forte para o autor, por isso destacada entre os versos 3º e 5º: “A sombra vem nos cascos / no mugido da vaca / separada da cria.”

Já na poesia “Bota”, a bota torna-se grande para a criança tanto que a mesma precisa fazer muita força para arrancá-la e acaba caindo de costas com ela nas mãos. Isto está presente dos versos 6º ao 12º. “A bota agiganta / seu portador cansado mas olímpico. / privilégio de filho / é ser chamado a fazer força / para descansá-la, e a força é tanta / que caio de costas com a bota nas mãos...”

Na poesia “Cuidado” a porta errada desperta uma curiosidade, mas há uma proibição para a criança, esta não pode abrir a porta, pois pode ver o que é proibido para a sua fase da vida, coisas que ainda não pode saber, fica então apenas uma curiosidade do eu lírico. São os versos 1º ao 5º. “A porta cerrada / não abras. / Pode ser que encontres / o que não buscavas / nem esperavas.”

Na poesia “(In) Memória” a infância está mais presente do 1º até o 6º verso, nos quais as palavras que são utilizadas trazem um sentido de uma infância que estão presentes as brincadeiras e o construir e reconstruir de novas brincadeiras com os objetos que esta criança possui para poder brincar e tudo isto faz parte de sua existência. “De cacos, de buracos / de

hiatos e de vácuos / de elipses, psius / faz-se, desfaz-se, faz-se / uma incorpórea face, / resumo de existido.”

Em outra poesia, agora em “Biblioteca Verde”, a infância aparece personificada quando a criança retratada neste poema, ao receber o seu livro tão recomendado para o pai, fica ansiosa para lê-lo e fica passando a mão sobre o livro, admirando-o e os versos que destacam isto são do 25º até 28º: “Tenho de ler tudo. / Antes de ler, que bom passar a mão / no som da percalina, esse cristal / de fulida transparência: verde, verde.”

Quando Drummond lida com a simultaneidade em suas poesias, ele não só personifica a infância, mas conforme Gonçalves (2004, p.138), busca com a memória uma realização de imagens transformando essa memória em uma “metáfora” de um sentimento único.

O poema “O Cavaleiro” também traz sons diferentes uns dos outros, como podemos constatar a mudança de som para mais forte com utilização do verbo “passar”, o poema apresenta então sons mais fracos e mais fortes. Nota-se aqui um outro conceito que Bosi denomina como recorrência, direcionada aos sons e à estrutura do poema. Nesta o poema não tem pontos iguais, sempre percorre pontos diferentes. Deste modo os sons ficam mais fortes também na poesia *Boitempo*, quando aparece o 1º verso: “Entardece na roça” e mais para o meio do poema quando Drummond atribui uma qualidade ao gado em “sua estátua de sal, escultura da noite.”

Na poesia “Intimação” os sons tornam-se mais fortes no 1º e 2º versos: “ – Você deve colar urgentemente / as lembranças bobocas de menino.”, e já no 3º e 4º verso: “- Impossível. Eu conto o meu presente. / Com volúpia voltei a ser menino.”, o som enfraquece um pouco. Com a presença da palavra “deve” do primeiro verso dando um sentido mais forte, imperativo e no 3º verso a palavra “Impossível” que representa um som mais fraco, dando apenas uma resposta aquilo que foi dito.

Em “(In) Memória” na 1ª estrofe o som é mais fraco e quando lemos a 2ª estrofe percebemos uma mudança de som ao lermos o 5º e o 6º desta estrofe: “ ... uma incorpórea face, / resumo de existido.”, depois no próximo verso o som cai novamente.

A poesia “Cuidado” traz mudança de sons para mais forte ao aparecerem as palavras “não abras” e “descuidosa”, essas palavras encontram-se no 2º verso da 1ª estrofe e no 1º verso da última estrofe.

Em “Bota” do 1º verso ao 2º o som é forte depois o som volta a ficar forte nos versos 6º e 7º sempre quando a palavra “Bota “ aparece: “A bota enorme / rendilhada de lama, esterco e carrapicho...”

Já em “Biblioteca Verde” o som começa fraco e ao chegar ao 7º verso o som aumenta até o 14º verso: “...quero devolução de meu dinheiro.”, enfraquecendo logo em seguida e no 36º verso o som altera novamente até o 43º: “mas leio, leio.”, e os próximos versos destacam sons fracos.

Drummond em sua poesia “O Cavaleiro”, trabalha com o conceito de movimento, trazendo a imagem de um cavalo andando em uma rua quando indica o som das ferraduras e o estalar de um chicote e ao iniciar o seu poema com um tom mais fraco e depois o tom aumentar devido às situações tornarem-se mais fortes e complicadas por causa dos problemas emocionais presentes dentro de si. Chegando ao final do poema o tom fica mais leve, pois as situações se acalmam até o momento em que tudo se acaba ao dormir. Por estes motivos Bosi destaca em seu texto que os gestos percebidos nas frases, ou versos dos poemas são responsáveis por darem corpo tanto para o movimento como para a ação. O movimento também está presente no poema “Boitempo” entre os versos 3º e 5º, onde o verso destaca o mugido da vaca, pois nestes momentos a vaca para mugir faz um movimento de abrir e fechar a sua boca. Isto está presente então em: “a sombra vem nos cascos, / no mugido da vaca / separada da cria.”

Neste momento, ao trabalhar com o movimento em suas poesias, Drummond permite que suas lembranças da infância tornem-se cada vez mais fortes. Desta forma, como diz Gonçalves (2004, p.121-122), as imagens transmitidas pelas poesias são como elementos que traduzem o mais profundo das experiências vividas, saindo de uma linearidade do tempo cronológico e chegando a uma esfera extra temporal, na qual os movimentos interiores que estão no homem, ou seja, no poeta, acabam emergindo em uma intensidade singular.

Nesta poesia, quando a chegada da noite é apresentada parece passar rapidamente, pois há pouca presença de vírgulas e é relatada apenas com a presença do gado no curral depois tudo se acalma com a chegada de um novo dia. “O gado é que anoitece / e na luz que a vidraça / da cada fazendeira / derrama no curral / surge multiplicada / sua estátua de sal, / escultura da noite.”

No poema “Cuidado” há uma mudança de tons entre a 1ª estrofe e a última, onde na primeira o tom aparece mais imperativo como notamos nas palavras “não abras” e ao chegar à última estrofe o tom torna-se mais áspero com o uso da palavra “Descuidosa” no início do primeiro verso.

Também neste poema o movimento está presente no momento em que alguém traz uma vela na mão, pois para trazer a vela esta pessoa precisa andar, movimenta desta forma o seu corpo. Como notamos nos versos 11º e 12º: “Pode ser que a vela / que trazes na mão...”.

Já no poema “Intimação” há a presença de movimento na palavra “conto”, pois ao contar a sua infância o autor necessita do abrir e fechar a sua boca. “Eu conto o meu presente.”

Como há um tom severo e forte no 1º verso e no 3º e 4º o tom fica mais fraco, mais calmo.

No poema “(In) Memória” o movimento está mais presente do 1º até o 3º verso, onde é marcado pelas palavras “cacos”, “buracos”, “hiatos”, “vácuos”, “elipses”, “psius” relacionadas às brincadeiras e às características da linguagem utilizada pelas crianças.

Notamos também que o tom no início deste poema é severo e do 2º ao 3º verso este tom muda para mais sério.

O movimento acontece no poema “Bota” quando a criança faz força para tirar a bota e fazendo muita força cai com ela nas mãos. Do 1º ao 5º verso deste poema aparece um tom mais sério, pesado, devido ao trabalho e depois o tom fica mais leve com a chegada em casa e o descanso.

Em “Biblioteca Verde” há movimento no passar das mãos do menino sobre o livro e no telefonema do Coronel para fazer o pedido do livro para o seu filho. E nas mudanças de tons quando no início está calmo e depois com a 2ª estrofe começa alterar com o pedido do Coronel e na 3ª estrofe altera novamente com a briga da família e termina calmo.

Esta mudança de tons é uma característica das obras de Drummond, conforme já foi comentado em Merquior (1969, p.65-66).

Dizemos também que Drummond, ao descrever a noite de sua cidade no poema “O Cavaleiro”, comparando a escuridão com a neve a o frio ao branco da neve caindo, lembrando de uma noite fria: “A branca escuridão (o frio é branco)...” Ele utiliza o conceito de analogia, o qual é importante e é destacado por Bosi em seu texto quando nos fala que o discurso recupera o sabor da imagem dentro do próprio corpo da fala e com a analogia há um enriquecimento da percepção, comentando ainda que o efeito analógico só se consegue através das armas do enunciado. Isto também acontece na poesia *Boitempo I* no momento em que Drummond compara o dia a um “pasto azul.”

Na poesia “Biblioteca Verde” o livro que o menino ganhou de seu pai é comparado a uma mata de pinheiros toda verde por este livro ser estampado pela cor verde.

Em seguida, dos versos 3º ao 5º, do poema “O Cavaleiro” o eu lírico sugere um medo que está sentindo e este medo faz com que o mesmo comece a se sentir angustiado, pois não tem certeza se o Cavaleiro passará ou não, pensando até mesmo que não conseguirá dormir.

São os versos destacados que refletem isto: “Passa ou não passa?/ Duvido. (E tenho medo.) / Hoje não durmo.”

Neste momento Drummond, como comenta Oliveira (1986, p.150), confessa-se diante de acontecimentos e emoções, tornando-se testemunha destes, e os seus poemas acabam referindo-se às suas memórias.

No texto “Inquietudes na poesia de Drummond”, Antônio Cândido (1968, p.95-122) discute que nas poesias de Drummond existe um problema de identidade ou identificação do ser, pois suas poesias oscilam entre o “eu”, o mundo e a arte de forma descontente e contrafeita assim, os assuntos trabalhados pelo poeta, desta maneira, como o horrorizam também o atraem e caracterizam-se como espontâneos, refletindo a si próprio, seus hábitos, à família entre outros. Entendemos desta forma que Drummond escreve o que não gosta no sentido de libertação do seu ser, por isso fala sobre seus medos e angústias.

Estes assuntos estão ligados a paradoxos como, por exemplo, a simultaneidade entre passado e presente, assim tudo o que o autor aborda no presente está relacionado com o seu conhecimento do passado, como também o passado em suas poesias é tratado como presente.

De acordo com Antônio Cândido (1968, p. 117), Drummond utiliza a palavra para indicar coisas, sentimentos, seres e outros. Desta forma a palavra só existe acompanhada de sua representação, pois a palavra para o poeta é importante e é ela que dá origem às coisas, proporcionando também às idéias significados de acordo com a sua posição no poema.

Antônio Cândido (1968) ao falar sobre a utilização da palavra por Drummond diferencia-se de Santana (1986, p. 192), pois este observa nestas palavras um ato de revelação e aprendizado do autor contrário ao ato de filosofar que significa aprender a morrer de acordo com Montaigne e a palavra transforma a poesia em uma vida que é estruturada além da morte.

Neste sentido, o medo trabalhado por Drummond em suas poesias aparece como sufocação do ser quando se refere ao social e marca a maturidade da consciência do autor, definindo que o medo paralisa, sepulta e isola os homens, impedindo a queda das barreiras da vida, conservando sempre o mundo caduco e é este pensamento que está presente em algumas de suas obras.

Depois de um certo tempo, da década de 30 em diante, a poesia de Drummond começa a representar o mundo através do temor, e este temor envolve as coisas, os sentimentos, as ações e a ordem do universo. A partir deste momento percebemos a importância da obra *Boitempo I*, a qual transmite os sentimentos de um autor menino vivendo momentos de medo ao se ver na situação em que se encontra. Assim nos diz Antônio Cândido, no momento em

que comenta sobre a forma de se expressar de Drummond: “Mais tarde, o poeta chegará a representar um mundo fabulosamente construído com o temor, que se torna matéria das coisas e dos sentimentos, lei das ações e ordem do universo...” (CÂNDIDO, 1968, p.105).

Cândido (1968, p. 95-122) aborda neste texto as três fases de Drummond e o que este trabalhou em suas poesias, qual foi o seu direcionamento. Na primeira fase Drummond escreve sobre as suas insatisfações, sofrimentos, decepções e até sobre a morte, buscando em seu passado o seu próprio eu que foi impedido de sonhar com outras formas de vida e de ser diferente do que foi, e as obras que se apresentam desta forma vão desde o humor até a auto-negação relacionada ao sentimento de culpa.

A expressão utilizada nestes poemas está relacionada à náusea, à sujeira, como também aos momentos de angústia proporcionados pelo sonho ou pela sufocação, os quais provocam um sentimento de inumação em vida. Nesta fase a memória ressuscita a vida do passado e a vida torna-se então uma fusão entre dois motivos, o de morte e o de criação, ou seja, negação e afirmação.

Já na segunda fase, Drummond enxerga no mundo social dois fatores: a iniquidade e a incompreensão, dando a este mundo o sentido de torto, o qual leva o indivíduo a uma deformação. Desta forma a sociedade impede que o indivíduo alcance a plenitude dos seus atos e sentimentos, oferecendo-lhe obstáculos para serem enfrentados e desencontros para a sua vida. Além desta idéias sobre a sociedade surgem outras como a do “mundo caduco”, quando as instituições são as que geram o desajuste e a iniquidade e levam o homem a conviver com a solidão, a incomunicabilidade e o egoísmo.

Ao passar do tempo, Drummond começa a representar um mundo construído pelo temor, tornando-se matéria das coisas e dos sentimentos como lei das ações e do universo.

Dizemos também que quando Drummond reflete em suas poesias a sua consciência social, ele faz com que uma possibilidade de resgate seja aberta no sentido de uma consciência do estado, de emparedamento e da existência de uma situação de pavor.

Esta poesia ligada ao social fala sobre as inquietudes do eu que completa-se por uma adesão ao próximo, neste momento os problemas pessoais tornam-se problemas de todos. Com isto, dizemos que os problemas do mundo começam a se manifestar pelo testemunho feito através da poesia.

Mais tarde as suas poesias começam a buscar um novo mundo e os seus temas deixam de retratar o lirismo tradicional, descrevendo a partir dos acontecimentos com a utilização de símbolos, manifestando através destes uma era de prodígios.

Chegando à terceira fase, Drummond procura compreender o eu e o mundo e a relação entre ambos em sua poesia. Enquanto que na poesia social a sociedade é culpada pelos sentimentos do indivíduo, mostrando um gosto pelo cotidiano e transformando a sua poesia em uma epopéia da vida contemporânea, agora a sua poesia é direcionada à família, tratando a mesma como grupo e tradição.

É com o sonho que Drummond busca, em seu passado, as manifestações de suas inquietudes, com as lembranças de sua família e da paisagem da cidade natal, do lugar onde nasceu e conviveu boa parte de sua vida.

Cândido (1968, p. 109) marca uma semelhança com Oliveira (1986, p.151), pois ambos consideram a reconstituição do passado importante. Contudo, estes autores atribuem sentidos iguais ao mesmo termo, posto que um pensa no passado como o caminho para manifestar as inquietudes do ser e o outro como apresentação dos motivos dos problemas do presente.

Neste instante Drummond promove um encontro de inquietudes pessoais e sociais, procurando na família uma explicação para algo que o supera e contém.

Nesta fase também se destacam assuntos como o modo de ser constrangido de alguém, a obsessão pelos mortos e por assuntos familiares. O pai se destaca como a figura mais importante que transmite um sentido tanto psicológico como social no espaço da casa ou da cidade, atribuindo ao mesmo um modelo de ser humano. Ao falar de si, dos dramas do indivíduo, é possível perceber o mundo projetado – a maturidade lírica do poeta.

Com o decorrer do tempo, as obras de Drummond não se prendem mais a uma certeza estética no sentido de fixar a atenção do leitor, mas observa-se a presença da dúvida, da procura e do debate, caminhando para uma indagação sobre a própria poesia. Neste sentido a sua poesia é escrita sobre o estímulo do assunto, fazendo um simples registro da emoção ou da percepção, transformando-se em um desabafo e um alívio. Desta forma Drummond começa a abordar o problema da poesia, observando na mesma uma luta com a palavra, fazendo deslocar nesta luta com a palavra a dúvida e a inquietação do artista, mostrando que as palavras são importantes para que o trabalho poético se realize e o poeta possua uma consciência estética e chegue a um momento de clarividência daquilo que o angustia.

A partir de sua última obra “Lição de Coisas” (1962.), Drummond recupera o humorismo inicial e destaca um interesse pela anedota, transformando as suas inquietudes expressas em um significado mais sereno como, por exemplo, aceitando a morte presente na existência de cada dia. É neste momento que sentimos a presença da obra *Boitempo I*, por se tratar de uma obra que apresenta um pouco de humor para transmitir os medos e angústias do autor.

Maria Eugênia Dias de Oliveira (1986, p.147-155) aborda em seu texto “O espaço da memória em Carlos Drummond de Andrade”, a importância do tempo e do espaço nas obras de Drummond para que o mesmo possa lembrar de seu passado através de um reencontro com suas impressões e sentimentos guardados em sua memória.

Com este texto confirmamos que dentro do tempo e do espaço encontramos o homem, um ser que está exposto a qualquer tipo de situação e tudo o que este presencia em seu futuro são conseqüências de suas decisões tomadas em seu passado. E é neste momento que se tematizam nas obras de Drummond, uma confissão do autor diante de acontecimentos e emoções, tornando-se testemunha de tudo o que está à sua volta e dentro de si. Estes poemas referem-se então às suas memórias.

A partir disto nota-se uma igualdade de idéias entre Oliveira (1986, p.150) e Cândido (1968, p.109) os dois pensam na poesia como um lugar de desabafo, confissão de sentimentos.

Percebemos também que a infância descrita pela memória e com o auxílio desta, por ter decorrido há um certo tempo, surge nas poesias do autor como lembranças já prontas e acabadas, e assim a impressão dos acontecimentos torna-se objetiva.

Oliveira (1986, p.150) neste instante diferencia-se de Merquior (1969, p.64), pois este não enxerga em Drummond lembranças prontas e acabadas ligadas a acontecimentos objetivos, percebendo nas poesias histórias que retratam a vida do autor utilizando uma narrativa ligada ao cômico, por isso distancia-se da objetividade e de algo pronto e acabado.

Devido a marca de tempo e espaço, quando o sujeito é descrito e o passado é revivido novamente acontece um reencontro com objetos que consideramos ancestrais, devido ao fato de estar ligado ao tempo de sua infância, já vivida.

Estas obras de Drummond, por serem memorialísticas, retratam três formas de tempo que são o passado, o presente e o futuro, e quando suas obras têm como função o presente, tudo o que está escrito refere-se a uma consideração do passado, pois é ele que apresenta os motivos dos problemas do presente e permite previsões para o futuro.

Para lembrar de tudo o que já aconteceu em sua vida anteriormente, Drummond neutraliza o seu presente adulto, contribuindo para que o seu passado seja presentificado, tornando-se o seu presente, caminhando também em direção ao seu futuro.

Por estes motivos a criança dessa poesia não é poupada, vive situações que modificam o seu comportamento, tornando-se mais medrosa e atormentada, mas estes sentimentos não a impedem de ser uma criança esperta, que desconfia de tudo o que vê e sabe dos seus sentimentos e até mesmo o que acontecerá com ela. Conforme Maria Eugenia Dias de

Oliveira: “O existente encontra-se no mundo em situações. O ser da existência não é um elemento estático, é um vir a ser, um poder ser.” (OLIVEIRA, 1986, p.149).

Esta criança por se apresentar esperta na poesia diferencia-se de outros personagens de histórias do século XVIII, que só podiam ser apresentadas de acordo com a natureza e a moral cristã, como seres humanos ingênuos, seguindo a autorização do governo, mas isto não impedia as crianças de serem espertas, elas apenas não podiam se expor desta forma.

Em um outro momento, agora do 5º ao 9º versos de “O Cavaleiro”, o eu lírico ao lembrar do cavalo, o eu lírico começa a trazer para a sua mente o som que as ferraduras fazem quando este animal anda e o estalar do chicote produzido pelo Cavaleiro quando a rua em que ele passa está silenciosa; como o eu lírico relata ao dar à rua a qualidade de “gelada”, por se encontrar sem movimento em uma noite fria. Além disso, também atribui ao cavalo um novo nome, chamando-o de “Cavalo-fantasma”, algo que causa pavor, que o assusta e que tem existência duvidosa. Isto pode ser confirmado em: “Hei de escutar/ o som das ferraduras na gelada/ Rua Municipal,/ o estalar do chicote na garupa do cavalo-fantasma.”

Ao narrar a passagem do Cavaleiro em sua rua e destacar a noite de sua cidade quando o frio chega, como também ao apresentar o cavalo como um fantasma, algo que não existe, que vem de sua criação, Drummond trabalha com os problemas de sua vida através da sua convivência de infância com o lugar onde nasceu, contando os fatos de forma mais leve, misturando aos seus sentimentos à fantasia. É no texto de Merquior que encontramos estes comentários, no momento em que compara a obra *Boitempo* com as raízes mineiras do autor Drummond: “... é o intervalo da problematidade da vida, a pausa de convivência sem tensão com as raízes mineiras erigidas em objeto de apaixonado drama existencial.” (MERQUIOR, 1969, p.68).

Este fato confirma então a importância do espaço destacada por Oliveira (1986, p.147) nas obras de Drummond para lembrar de seu passado com um reencontro que faz com suas impressões e sentimentos guardados na memória.

Afonso Romano de Santana, no texto “Ser além do tempo”, (1986, p.191-231) nos fala que as palavras nos poemas de Drummond são como um ato de revelação e aprendizado da sua própria vida.

A poesia torna-se então algo que resiste e persiste, e é com a memória presente na mesma que Drummond busca em seu passado sentidos para o que já foi vivido e procura, com a imaginação, trazer novos sentidos para o seu ser. Acontece assim uma transformação do mal para o bom, sendo a escrita presente na poesia a responsável pela ordenação da memória do poeta.

Oliveira (1986, p.147) atribui apenas o sentido de que a memória ajuda Drummond a se reencontrar com o seu passado, suas impressões e sentimentos que foram guardados, e notamos que Santana (1976, p.192) vai além deste sentido, onde este atribui a memória do passado a busca de novos sentidos que promovam uma transformação em sua vida.

Uma das características presentes nos poemas de Drummond é a representação igualitária do sujeito e do objeto da poesia, que caminham juntos e refletem os conflitos existentes entre o Eu e o mundo, formando um conjunto, como também realizando uma síntese do subjetivo e do objetivo, ou seja, do possuidor e do objeto possuído como forma de lembrar e é isso que a poesia lírica tem realizado.

A repetição também acontece nos poemas do autor como uma forma de reviver momentos antigos para superá-los ou para sentir um pouco de prazer diante dos obstáculos do tempo presente, ajudando o autor a projetar imagens em sua poesia.

Notamos a presença da fantasia partindo sempre da realidade, fazendo com que a imaginação torne-se a cada momento mais presente na poesia, com a utilização dos elementos surrealistas, levando a uma ruptura com o lógico e proporcionando a mesma um caráter intemporalizante.

Com isto Santana (1976, p.223) iguala-se com Cara (1985, p.49-50) quando a mesma comenta sobre a poesia lírica, definindo-a como uma forma de libertação do “eu” e da “alma”, saindo do lógico e chegando ao mundo dos sonhos, da fantasia.

Por isso Santana nos mostra o que os personagens surrealistas representam para as obras de Drummond e é neste momento que destacamos o personagem “Cavalo-Fantasma” da poesia de que tratamos.

Deste modo, quando Drummond trabalha com personagens surrealistas como o Cavalo-Fantasma, o poeta proporciona à sua poesia um caráter intemporalizante, permitindo com que esta não defina os seus espaços, por isso notamos que o seu espaço é construído através do possível e do sonho, não distanciando da realidade. Contribuindo para uma ruptura com o lógico. Assim Afonso Romano de Santana, quando analisa os elementos surrealistas na poesia do autor diz: “Esses elementos surrealistas informam, em última análise, o caráter intemporalizante de sua poesia, confundindo espaços distintos e expandindo o possível no impossível e o sonho na realidade.” (SANTANA, 1976, p. 223).

A infância até este momento é tratada na poesia como um lugar de fantasias, criatividade, espertezas, desconfianças, como também de medos, angústias, incertezas, uma infância atormentada que não foi poupada das situações que ocorreram à sua volta e por tudo

isto é marcante nas lembranças de Drummond, trazendo significados fortes e presentes para o mesmo.

Ao chegarmos ao verso 10º até o 12º, do poema “O Cavaleiro” percebemos que o eu lírico sente-se protegido por um cobertor que para o mesmo é como uma “casa-fortaleza”, ou seja, algo que transmite segurança a ele. O cobertor é um objeto comum, mas aqui recebe uma importância especial para este eu lírico, pois é debaixo dele que o eu lírico procura por proteção. Como vemos a seguir: “Escuto, protegido/ em cobertor de casa-fortaleza/ de família importante.”

É com o uso deste objeto que o autor reencontra-se com o passado, com os seus sentimentos de criança e é a memória a principal fonte de todas as lembranças do que foi vivido, com ela acontecimentos tristes e felizes são revividos novamente. Como comenta Oliveira:

Reencontrar o tempo perdido significa, na maioria das vezes, percorrer um espaço que subsiste apenas na memória. A descrição de ambientes e objetos compõe um sistema de signos, suporte para o reencontro das impressões e sentimentos do tempo da lembrança. (OLIVEIRA,1986, p.147).

No poema “Bota” o objeto que intitula o poema também possui uma importância muito grande para o eu lírico, pois esta suporta todo o seu cansaço, como também as suas dificuldades do seu dia-a-dia, e para que ela possa descansar é preciso tirá-la dos seus pés. Percebemos este fato nos versos 6º e 7º: “ a bota agiganta / seu portador cansado mais olímpico.”

Na verdade não é a bota objeto que precisa descansar, mas o eu lírico, que depois de um dia de trabalho pensa somente em relaxar e viver momentos mais tranquilos. Desta forma Drummond com esta poesia retrata as dificuldades enfrentadas desde a sua infância, quando ainda menino começa a conhecer a vida adulta com todos os seus problemas e aprender a ser responsável assim como seus pais.

Confirmamos isto em Oliveira (1986, p.151) quando ela diz que os objetos nas poesias são considerados ancestrais por estarem ligados à infância já vivida.

Prosseguindo em nossa interpretação observamos uma repetição de palavras nos versos 12º ao 13º no poema “O Cavaleiro” e é neste instante que o eu lírico sugere a angústia existente dentro de si e deseja que estes sentimentos se afastem dele para assim poder vivenciar momentos diferentes que traduzam prazer a sua vida, momentos mais tranquilos e felizes, e para que consiga com mais força e equilíbrio passar pelos obstáculos que

aparecerem a sua frente. Isto torna-se evidente quando o ritmo fica mais forte com a presença do verbo “passar”. Os versos a seguir declaram isto: “Passa, passa,/ anda, passa.” O ritmo que muda personifica a emoção do medo presente na infância.

Esta repetição faz com que a criança possa transmitir os seus sentimentos e aguardar novas experiências e novos sentimentos, os quais modifiquem a sua maneira de enxergar e sentir as situações vividas. Bosi salienta sobre isto em: “A repetição poética não pode fazer o milagre de me dar o todo, agora. Ao contrário da visão fulmínea, ao contrário da posse, ela me dá o sentimento da expectativa. Linguagem, agonia.” (BOSI,1999, p.33).

Quando Drummond personifica-se através desta criança que sonha em se libertar de suas angústias e viver momentos diferentes em sua vida, este relembra a literatura resgatada por Nisard, onde os adultos eram projetados como figuras infantis, assim as imagens que aparecem de si mesmos são atribuídas ao seu imaginário, pois a literatura transmitia uma visão burguesa em que a criança tinha que ser apagada para se ocultar o que a sociedade gostaria de mostrar e era um dos interesses do governo.

Através desta maneira de lidar com as palavras e modificar a sonoridade do poema, Drummond expõe os seus problemas e, por estes serem muito intensos, os mesmos crescem e se organizam dentro da estrutura criada pelo autor. Deste modo a identificação dos problemas acontece com o sistema simbólico que foi formado. Em relação a isto afirma Antonio Cândido quando destaca sobre a força dos problemas encontrados nos poemas de Drummond:

Na obra de Drummond, a força dos problemas é tão intensa que o poema parece crescer e organizar-se em torno deles, como arquitetura que os projeta. Daí o relevo que assumem e a necessidade de identificá-los, através do sistema simbólico formado por eles. (CÂNDIDO, 1968, p.121).

A repetição de palavras também acontece no poema “Biblioteca Verde” no verso 8º, onde o eu lírico tem um desejo a ser realizado que é ganhar um livro que chama-o de “Biblioteca Verde” por este livro apresentar-se encapado pela cor verde e para ganhá-lo repete três vezes para seu pai a palavra “compra”, no sentido de persuadir o mesmo a comprar a coleção de livros dos seus sonhos. Como vemos dos versos 7º ao 8º: “É em percalina verde, / só 24 volumes. Compra, compra, compra.”

Toda criança, quando quer alguma coisa, insiste com os seus pais até conseguir convencê-los e conquistar o que deseja. Notamos então que a criança desta poesia não é

diferente, a mesma tenta com a ênfase que dá as suas palavras concretizar os seus sonhos, por este motivo o ritmo aqui também fica mais forte no momento em que o verbo “comprar” aparece no presente.

Em outro poema denominado “(In) Memória” a repetição acontece no 4º verso e está no sentido de construir e desconstruir tudo o que está ligado à infância como brinquedos, brincadeiras e é uma característica desta fase. Assim vemos em “... faz-se, desfaz-se, faz-se.”

Com isto notamos que como disse Cândido (1968, p.96-97) os assuntos trabalhados por Drummond referem-se a si próprio, escrevendo o que não gosta para libertar-se, por esta razão os assuntos estão relacionados aos seus medos e angústias.

Fazendo assim, Drummond, de acordo com Santana (1986, p.206-207), busca em seu passado sentido para o que já foi vivido e procura novos sentidos para si através da imaginação, transformando o mal em bom pela escrita.

Salete de Almeida Cara em “O lirismo moderno” (1985, p.40-69) nos fala que o poeta moderno distancia-se do mundo exterior, mas se em algum momento tenta aprofundar-se neste mundo, não consegue e faz deste apenas uma tradução parcial, utiliza então algumas coisas que refletem na sua vida para poder se expressar em sua poesia.

Baudelaire (In: CARA, 1985, p.42), que foi um dos primeiros poetas franceses modernos, trouxe uma contribuição para o pensar sobre a linguagem poética, indicando a idéia de que tudo o que se comunica através da poesia não deve se reduzir ao pensamento lógico.

Ao trabalhar com possibilidades de linguagem, como o ritmo, a sonoridade, abandonando regras e modelos clássicos, o autor moderno faz com que o fenômeno lírico, ou seja, a própria poesia comece a se desenvolver e a conquistar a sua liberdade.

Com este pensamento Cara (1985, p. 46) marca uma diferença com Santana (1986, p.208). Ao falar sobre a repetição nas poesias de Drummond, Santana refere-se a ela como algo que proporciona ao autor uma superação do que já foi vivido e não uma liberdade para a poesia. A poesia lírica moderna fala das perturbações do “eu” e da “alma” que procura por uma libertação, caminhando em busca do mundo dos sonhos e para se expressar dentro da lírica o autor não tem nenhuma intenção lógica ou gramatical em sua escrita e os sentimentos e emoções presentes em sua poesia não podem ser explicados.

Drummond, ao trabalhar com o ritmo e mostrar assim a presença de sons mais fortes contrastando com sons mais fracos, se encaixa no modelo do poeta moderno, o qual abandona regras e modelos clássicos e torna o fenômeno lírico mais livre, proporcionando o seu desenvolvimento. De acordo com Cara (1985, p.46), quando comenta em seu texto sobre

a linguagem utilizada pelo poeta moderno: que ao caminhar pelo ritmo, a sonoridade, a ambigüidade de sentidos e outros, e abandonar regras e modelos, proporciona a sua expansão e emancipação.

Percebemos também diante destes comentários que a infância não deixa de ser um lugar de insegurança, descontentamentos, mas que procura por uma modificação dos seus sentimentos, desejando ser um ser humano diferente mais seguro, feliz, equilibrado e forte para viver com mais intensidade todos os momentos da sua vida.

Caminhando pelos versos 13º ao 15º, do poema “O Cavaleiro” notamos que o eu lírico novamente sente medo, neste momento tenta ser forte, porém pensa em alguém que possa lhe ajudar e protegê-lo das ameaças do Cavaleiro, sendo este o Coronel com a sua arma. O eu lírico demonstra neste ponto uma busca pela lembrança de sua infância um adulto ao qual conhece para transmitir a segurança que necessita para enfrentar os momentos vividos pelo mesmo. Isto fica claro nos versos: “... Cavaleiro, estás com medo/ do medo meu, quem sabe, da garrucha / do Coronel ?”

Nestes versos temos o sujeito e o objeto caminhando juntos. Desta forma temos como objeto a “garrucha” e como sujeito o “Coronel”, os dois estão no mesmo verso e um completa o sentido do outro, pois o objeto sozinho não tem sentido e para que possa transmitir sentido, precisa da presença de um sujeito e Drummond mistura sujeito e objeto, traduzindo os significados que deseja aos seus poemas. Neste sentido Afonso Romano de Santana destaca a existência de sujeito e objeto nos poemas de Drummond quando fala sobre o conteúdo de suas poesias: “... a poesia é uma procura que se realiza enquanto procura, é um composto sujeito-objeto resultante do conflito inicial Eu versus Mundo.” (SANTANA, 1986, p.196).

Vemos com isto que Drummond confunde experiência pessoal com a observação do mundo, escrevendo histórias que envolvem os outros e a sociedade, retratando o estado de Minas no início do século.

Ao lermos os versos 19º ao 22º do poema “O Cavaleiro” nos deparamos com três enunciados que semanticamente traduzem sentido ao poema, sendo elas: “A branca escuridão”, “O frio é branco” e “Não filtra nem um grilo de ruído”. Nos dois primeiros enunciados destacamos a palavra “branco”, que significa a neve, a neblina que cai em noite fria e na outra frase a palavra “filtra”, indica o sentido de não existir. Isto confirma-se no trecho abaixo: “Chego a janela. A branca / escuridão (o frio é branco)/ não filtra nem um grilo de ruído./ Massa de cidade e serra: breu silente.”

Outra palavra também encontrada é a palavra “grilo”, que transmite o significado de “um pouco”, assim percebemos que Drummond utilizou-se desta palavra para suavizar a idéia de uma cidade sem movimento algum, de uma cidade completamente parada.

As palavras que foram destacadas atribuem sentido ao poema e esses sentidos apresentam uma semelhança com a palavra escrita. Desta forma o autor Drummond transfere para o seu poema não apenas significados, mas também vida, pois utiliza palavras comuns que já conhecemos e concede às mesmas novos significados. Como salienta Antonio Cândido, ao falar sobre a estrutura do poema de Drummond: “ Nas mãos do poeta o lugar comum se torna revelação, graças à palavra na qual se encarnou.” (CÂNDIDO, 1968, p. 118).

Em outro poema denominado “Boitempo” isto acontece no momento em que o autor trabalha com o seguinte enunciado: “o dia é um pasto azul”. Sentimos com este que há dois significados para o dia, assim ele é considerado como um “pasto”, algo que transmite o sentido de um novo dia de vida que se inicia com novas esperanças e a palavra “azul” que remete ao céu, a pureza, trazendo o significado de um dia diferente dos outros. Espera-se desta maneira novos acontecimentos no ambiente em que se vive. Como acontece de maneira evidente nos versos: “... e o dia é um pasto azul, que o gado reconquista.” Com a utilização destas palavras dando ao dia um novo sentido Drummond lembra em seu presente de uma fase de sua vida vivida no ambiente rural e com este objetivo a palavra “gado” está presente no poema como notamos no verso que foi destacado.

Ao incorporar ao seu poema palavras que atribuem sentidos diferentes a outras palavras Drummond manifesta-se na linguagem pelos sentidos produzidos pela memória e diante do que afirma Gonçalves (2004, p.142), a poesia é um espaço de linguagem em que a memória recebe uma importância pelo fato de se apresentar como uma forma de manifestação de sentido.

Dizemos então conforme Cândido (1968, p.117) que as palavras nos poemas de Drummond servem para indicar coisas que fizeram parte de sua vida e estas palavras estão sempre acompanhadas de sua representação.

Drummond ao destacar a sua cidade como uma cidade completamente parada parece buscar na cultura popular, sentidos que eram transmitidos através dos livros e almanaques, nos quais a sociedade era construída pelo silêncio e pela exclusão do outro, porque o eu lírico sente medo e está angustiado por não ter ninguém ao seu lado para ajudá-lo a superar estes sentimentos, ele está sozinho na noite.

Nos versos seguintes, do 24º ao 27º, do poema “O Cavaleiro” o eu lírico declara que o “Cavaleiro” não passa em sua rua e ele não o vê, este só existe dentro de si, é dentro dele que o mesmo ouve o Cavaleiro passar, sempre passou e nunca deixa de existir. Como observamos nos versos: “...não vejo o Cavaleiro, estou ouvindo / em mim o Cavaleiro, em mim é que ele passa,/ sempre passou e passa sempre e não acaba de passar.”

Podemos então constatar que esta criança guarda em si a imagem de um homem a cavalo que passa à noite para lhe fazer algum mal, pois este “Cavaleiro” é apenas uma fantasia dele e isto acontece através de sentimentos guardados dentro de si, não consegue enfrentar a situação, mantendo sempre viva em sua lembrança a imagem do cavaleiro que o assusta e é com os verbos “passou” e “passa” que fica clara a existência reiterada destes conflitos no eu lírico. Em relação a isto, Bosi afirma em: “Imagem, Discurso”,: “A imagem nunca é um elemento: tem um passado que a constituiu; e um presente que a mantém viva e que permite a sua recorrência.” (BOSI,1999, p.15-16)

Drummond ao reviver momentos de sua infância trazendo para o presente as lembranças do passado e em forma de poesia, retrata tudo o que sentiu e presenciou quando ainda era uma criança. Conforme nos relata Antonio Cândido no momento em que nos apresenta a existência de paradoxos na obra do autor: “Todavia, é deste e outros paradoxos que se nutre a sua obra: a obsessão simultânea de passado e presente, individual e coletivo, igualitarismo e aristocracia. (CÂNDIDO, 1968, p.112).

Paradoxos como este, estão presentes na poesia “Intimação” do mesmo autor, onde ele conta fatos da sua infância e fala de si, buscando deste modo trazer tudo o que se relaciona ao seu passado para o presente, transformando-se de homem a menino e são os versos 3º e 4 que denotam esta transformação e a marca de presente e passado: “— Impossível. Eu conto o meu presente / Com volúpia voltei a ser menino.”

A partir disto entendemos que Drummond cria um menino para reviver os momentos de sua infância e poder então ver-se e mostrar-se, explicando o seu jeito, a sua cidade como também fatos ocorridos e na mistura que faz de poesia e ficção busca as verdades do mundo, do eu e percebe o eu como condição do mundo.

Ao chegarmos aos dois últimos versos do poema “O Cavaleiro” o eu lírico resolve dormir e assim pensa que encontrou uma solução para os seus sentimentos, pois sente que dormindo talvez consiga se libertar e fazer desaparecer tudo o que está dentro de si e ele possa voltar a sentir paz e alegria em sua vida. Sobre isto confirmamos em: “É isso. Vou dormir./ Dou descanso ao cavalo e ao Cavaleiro.”

Neste instante o poema finaliza com o humor, pois demonstra no decorrer dos versos os seus sentimentos de angústia e medo, e de repente tudo se acaba, ao tomar a decisão de que dormirá para esquecer estes momentos, os quais está passando e desta forma Drummond não deseja causar espanto em seus leitores e assim permite que seu poema torne-se mais solto e gaio. Conforme o que nos afirma Merquior, quando destaca o humor encontrado nos poemas de Drummond e que está relacionado aos problemas do mundo:

O rir de si, a alta-ironia, sinal distintivo da poesia de Drummond desde as suas formas inaugurais, assume agora um giro deliberadamente brincalhão, como se (para dizê-lo na língua de Freud), o humor drummondiano, reconhecidamente tão “superdeterminado”, tão equívoco ou polissêmico, emergisse desta vez alacremenente unívoco, solto e gaio, sem as restrições mentais da emotividade ferida o choque do mundo.” (MERQUIOR, 1969, p. 65-66).

E como já vimos no texto de Merquior (1969, 69) comprova-se com estas considerações a presença de um tom reflexivo de forma risonha nos poemas de Drummond. Comprova-se também o que Cara (1985, p.49-50) nos diz sobre a poesia lírica moderna que fala sobre os problemas do “eu” e da “alma” que procura por uma libertação e caminha em direção ao mundo dos sonhos.

Conforme Cara, Drummond ao trazer para sua poesia os seus desejos, os encara de frente, alcança a liberdade, uma das audácias da lírica moderna, pois termina o seu poema dando um sentido de que os sentimentos podem se acabar de uma hora para outra, quando na realidade, nada na vida acontece desta forma, saindo então de um pensamento lógico e buscando uma outra maneira de mostrar como os fatos da vida devem ser encarados, sem desesperos, procurando resolver os conflitos da sua infância mais calmamente, trazendo para todos os momentos um pouco de humor. De acordo com Cara, ao falar sobre as audácias da poesia lírica moderna:

A poesia moderna é, mais claramente do que as anteriores, continente de todas as dispersões possíveis do “eu” e da “alma” em direção ao mundo do desejo e da utopia. Aquela dimensão do “eu” aprisionada pela lógica liberta-se, através do poema. O poema é um espaço possível de liberdade.” (CARA, 1985, p. 49-50).

O humor se faz presente também na poesia “Bota”, onde ao chegarmos ao último verso deste poema o eu lírico acha engraçado, pois ao tirar a sua bota, cai de costas com a bota nas mãos e ficar também desta forma todo enlameado. Notamos isto em: “...e rio de me ver enlameado.”

Mesmo sabendo que a qualquer momento todos estes mesmos sentimentos e imagens podem retornar ao seu coração e a sua mente, com o nascimento de um novo dia e a chegada de uma nova noite, o eu lírico pensa que tudo se acabou e nada mais o atormentará, podendo viver algo diferente em sua vida, superando todos os sentimentos ruins. Como afirma Bosi: “A imagem pode ser retida e depois suscitada pela reminiscência ou pelo sonho. “(BOSI, 1999, p.13).

Quando falamos sobre isto remetemo-nos ao que disse Oliveira (1986, p.151) sobre Drummond, que este ao relembrar de seu passado, presentifica-o pelo seu presente e caminha em direção ao futuro.

Através de todas estas considerações observamos que a infância nesta poesia esclarece os seus sentimentos, os seus desejos, mostrando realmente como ela é, com seus encantos e suas decepções, demonstrando que esta fase da vida não deixa de apresentar os seus problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a nossa interpretação da poesia “O Cavaleiro! Como também das outras que utilizamos, encontramos na obra “Boitempo I” um Drummond que não separa vida adulta de infantil, pois a criança é apresentada como um ser humanos com medos, sofrimentos e humor.

Por estes motivos a criança aparece nas poesias como um adulto personificando a sua infância pela memória e este adulto é o próprio Drummond que volta ao seu passado e presentifica-o em sua obra através do auxílio do eu lírico.

Notamos então que o eu lírico é muito importante por tomar da voz da criança para se dizer e dizer do mundo em relação as suas lembranças do ambiente em que viveu e de tudo o que gostava neste ambiente, das imagens que estão guardadas em seu inconsciente e são criadas com a fantasia que constituem reflexos do passado no presente, dos seus medos e angústias confessando os seus sentimentos e emoções.

Os poemas tornam-se então, poemas de memórias, pois esta criança vive situações em sua vida que fazem mudar de comportamento. Estes sentimentos são guardados pela memória e se misturam com a fantasia.

Nas brincadeiras e nas obrigações de criança o autor promove um reencontro com o seu passado, revivendo acontecimentos tristes e felizes com a ajuda da memória, lembrando de objetos que faziam parte de seu dia a dia como também na linguagem utilizada e os seus significados transmitidos por elas fazem com que o autor em seu poema permita que as lembranças de sua infância estejam muito presentes em tudo o que escreve, trazendo o ser infantil para o centro da criação estética.

Na relação memória e infância constatamos que o autor guarda em suas lembranças mantendo sempre viva dentro de si todas as imagens e sentimentos que pode vivenciar em sua infância e retrata tudo isto em seus poemas com o objetivo de libertar-se das impressões ruins e sentir-se mais alegre, por isso traz para os seus poemas o humor, no sentido de mostrar que a vida não é apenas feita de tristezas, mas também de momentos bons.

Fica evidente com o nosso trabalho que na obra “Boitempo I” a infância é uma marca muito forte dos poemas e esta infância tem como características problemas

emocionais que o autor busca solucionar relembrando estes problemas e transmitindo-os em suas poesias para que então possa continuar a viver o presente sem traumas e com mais intensidade, lembrando do passado com mais entusiasmo.

Deste modo, ao lermos os poemas de Drummond nos encantamos pela sua forma de falar de sua infância e em alguns momentos relacionamos as suas atitudes de criança com as nossas, fazendo-nos também lembrar da nossa infância em nossas brincadeiras e em nossos desejos infantis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo I e II*. 5ª e 6ª ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2001.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia. Imagem, discurso* São Paulo: Cultrix, 1999.

CÂNDIDO, Antonio. *Vários escritos. Inquietudes na poesia de Drummond*. São Paulo: livraria duas cidades, 1968.

_____. *A educação pela noite e outros ensaios. Poesia e ficção na autobiografia*. Ática, 2ª ed., 1989.

CARA, Salete de Almeida. *A Poesia Lírica. O lirismo moderno*. Ática, 1985.

DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural. A beleza do morto*. SP: Papyrus, 1995.

FURASTÉ Pedro Augusto. *Normas técnicas para o trabalho científico. Explicação das normas da ABNT*. Porto Alegre: s.n., 2006.

GONÇALVES, Aguinaldo José. *Museu movente: o signo da arte em Marcel Proust. Memória e invenção: as remissões proustianas às questões da poesia*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MERQUIOR, José Guilherme. *A astúcia da mímesis. Notas em função de Boitempo (I)*. Paris, 1969.

OLIVEIRA, Maria Eugênia Dias de. *O Eixo e a Roda. Memorialismo e Autobiografia. Os moldes da percepção: o eu e o mundo*. UFMG, Editora, 1986.

SANTANA, Afonso Romano de. *Carlos Drummond de Andrade. Vida e Obra. Ser além do tempo*. UFMG Editora, 1986.